
Análise do discurso dos artigos de opinião “Neorracismo Identitário” e “A Cortina de Fumaça de Risério publicados no jornal Folha de S. Paulo”¹

Francine de Souza GOMES²
Maria Emília Pelisson MANENTE³
Centro Universitário Faesa, Vitória, ES

RESUMO

Esta pesquisa analisa os discursos dos artigos de opinião “Neorracismo identitário” e “A cortina de Fumaça de Risério”, publicados em janeiro de 2022 no caderno Ilustrada Ilustríssima do jornal Folha de S. Paulo, por meio do recorte estipulado pela pesquisadora: título, linha fina, ilustração, *lead* e olho de cada texto. O objetivo da pesquisa é entender, tendo como suporte teórico a Análise de Discurso (AD), se um artigo pode reforçar o racismo estrutural com as palavras e argumentos utilizados em um discurso. Entre os principais autores que ajudaram nesta reflexão estão: Eni Orlandi, Helena Brandão, Silvio Almeida e Muniz Sodré.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Opinativo; Artigo de Opinião; Análise de Discurso; Racismo Estrutural.

ARTIGOS DE OPINIÃO E RACISMO ESTRUTURAL

O jornalismo opinativo é entendido como o segundo gênero mais comum na prática jornalística brasileira, que “atende bem mais do que à necessidade humana de se expressar: ele também subsidia, em larga medida, a formação da opinião pública” (ASSIS, 2010, p. 21). Assim, os artigos de opinião baseiam-se em um cenário fundamental para a liberdade de expressão, que deve ser observado com cautela pelos veículos, já que publicar um artigo fora de contexto, por exemplo, pode ser um “tiro no pé”. Afinal, em um período de constante conexão tecnológica, os leitores têm agido, cada vez mais, como “vigilantes” da produção jornalística.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ01 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Recém-graduada do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Faesa, e-mail: francinedesouzagomesf@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Faesa, e-mail: emanente@yahoo.com.

É justamente sobre esse alcance dos artigos que a situação em análise - publicação do artigo “Neorracismo identitário” - tornou-se polêmica e assunto de debates calorosos nas redes sociais acerca de uma das características mais enraizadas do Brasil: o racismo estrutural.

[...] o racismo - que se materializa como discriminação racial - é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2021, p. 34).

Como o racismo é estrutural e, portanto, enraizado em todos os segmentos sociais, políticos e econômicos da sociedade brasileira, torna-se necessário abordar sua presença na prática jornalística no Brasil. Veículos de comunicação país afora se deparam diariamente com as mais diversas situações que envolvem pessoas negras e, muitas vezes, devido ao preconceito estruturado, ajudam a perpetuar atitudes discriminatórias, sem repudiá-las.

Para Muniz Sodré (2015, p. 34), os meios de comunicação de massa, na grande maioria das vezes, não dão a devida atenção para a questão identitária em suas produções, o que reflete na criação de produtos com baixa ou nenhuma representatividade e que, dessa forma, ajudam a perpetuar pensamentos e atitudes racistas.

O racismo pode perpetuar-se por meio da mídia, “seja pela incapacidade do branco em compreender a desigualdade social ou pela indiferença que pode existir” (MARTINS, 2016, p. 7). Assim, diante de um ambiente majoritariamente comandado por pessoas brancas, é comum polêmicas que envolvem publicações racistas em jornais do País. Afinal, nem 10% dos colunistas dos grandes jornais são negros, como aponta estudo do Grupo de Estudos Multitidisciplinar da Ação Afirmativa (Gema)⁴.

Se uma das funções do jornalismo é ajudar a desconstruir estereótipos, há uma contradição. Muitos profissionais da área têm, na verdade, ajudado a ecoar pensamentos e atitudes racistas, impedindo avanços na discussão. Assim, ao publicar o artigo em

⁴ Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/cor-da-opiniao-negros-nao-sao-nem-10-entre-os-colunistas-dos-principais-jornais-do-pais/>>. Acesso em: 10. abr. 2023.

análise nesta pesquisa, é preciso debater a responsabilidade da Folha de S. Paulo, uma vez que o texto de Risério deixa subentendido a existência do racismo reverso.

A ESCOLHA DE PALAVRAS DE RISÉRIO

”Neoracismo identitário”. Esse é o título do artigo assinado por Antônio Risério - historiador e antropólogo baiano -, publicado no caderno Ilustrada Ilustríssima na edição do dia 16/01/2022. O prefixo “neo” é de origem grega e significa “novo”, sendo comumente utilizado para criação de neologismos, que são palavras novas e que não possuem registro no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Assim, quando o autor utiliza a palavra “neoracismo”, explicita a possibilidade de existência de um novo racismo, algo diferente do que já se entende e debate na sociedade.



Figura 01: Artigo de Antônio Risério em 16/01/2022.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Dessa forma, é possível perceber o princípio da construção de sentido que o autor evidenciará no artigo: ele, com essa escolha de palavras para o título, expõe ao leitor que o texto abordará esse conceito de um novo tipo de racismo. Essa afirmação é possível já que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 1999, p. 30).

Neorracismo identitário

[RESUMO] Ataques de negros contra asiáticos, brancos e judeus invalidam a tese de que não existe racismo negro em razão da opressão a que estão submetidos. Sob a capa do discurso antirracista, esquerda e movimento negro reproduzem projeto supremacista, tornando o neorracismo identitário mais norma que exceção

Figura 02: Resumo do artigo assinado por Risério.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Como complemento, o resumo sustenta o que será uma das principais teses do artigo - racismo reverso. Risério escolhe dizer que a esquerda política e o movimento negro tornam esse “neorracismo identitário” uma norma, ao invés de exceção. Essa associação complementa a ideia do título sobre um novo racismo, como se este fosse resultado de uma criação desses grupos específicos. Sobre esse movimento de sentido, Michel Pêcheux (1975, p. 45 *apud* BRANDÃO, 2012, p. 81) explica que

Se uma palavra, expressão, proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme refiram a tal formação discursiva, é porque [...] elas não têm um sentido que lhes seria “próprio” enquanto ligado à sua literalidade, mas seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que entretêm com outras palavras, expressões, proposições da mesma formação discursiva.

Ao relacionar o movimento negro à criação de uma suposta nova configuração de racismo, o autor visa a influenciar o leitor a acreditar que a luta desses coletivos não é por direitos básicos e, sim, pelo aval para cometer crimes. Essa constatação é infundada, afinal, “movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos” (RIBEIRO, 2019, p. 12) e não o contrário.

A primeira frase do lead do artigo também configura um tópico que merece atenção nesta análise. O autor tenta, já no começo do texto, convencer o leitor de que o racismo sofrido por negros é uma realidade que todos conhecem, mas que o racismo sofrido por brancos é algo ignorado por muitos e apenas algumas pessoas querem saber desse assunto, como se essa configuração de fato existisse.

Todo o mundo sabe que existe racismo branco antipreto. Quanto ao racismo preto antibranco, quase ninguém quer saber. Porém, quem quer que observe a cena racial do mundo vê que o racismo negro é um fato.

Figura 03: Lead do artigo assinado por Risério.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Quando utiliza a expressão “Todo mundo”, é possível perceber que a partícula funciona como uma espécie de homogeneizadora de opiniões, que, quando inserida como argumentação no artigo, exerce uma função que tende a calar as vozes potenciais que discordam dessa visão opinativa do enunciador (PIRES, KNOLL, CABRAL, 2016, p. 125).

Ainda que não tenha expressado de forma explícita, é possível perceber uma necessidade de argumentar que os brancos são oprimidos e a sociedade tem ignorado este fato, em uma tentativa de inverter os papéis, questionando os aspectos da história do Brasil, marcada pelo racismo estrutural. Essa percepção do não explícito é possível porque “o posto (dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente)” (ORLANDI, 1999, p. 80).

Em relação ao olho do artigo, as frases destacadas estão negritadas em laranja e parecem avançar na direção do observador, de forma a parecerem maiores do que realmente são. Dessa forma, no artigo analisado, pode-se afirmar que a escolha pelo tom cumpre essa função de chamar atenção do leitor para as frases destacadas, que reforçam a visão de Risério acerca do racismo de negros contra brancos existir.

Sob a capa do discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por meio de organizações poderosas como a Nação do Islã, supremacista negra, antisemita e homofóbica

Não devemos fazer vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo que esquadrihamos o racismo branco com microscópios implacáveis

Figura 04: Olho do artigo assinado por Risério.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Neste e nos outros trechos supracitados, assim como em grande parte dos parágrafos do artigo de Risério, percebe-se a recorrente presença de adjetivações, as quais funcionam não somente para fixar o posicionamento do enunciador a respeito do tema abordado, mas também para “enfraquecer, mediante a desqualificação, as vozes potencialmente dissidentes” (PIRES, KNOLL, CABRAL, 2016, p. 125).

A ESCOLHA DE PALAVRAS DE DOMINGUES

“A cortina de fumaça de Risério”. Esse é o título do artigo assinado por Petrônio Domingues - doutor em história e especialista no estudo da história do negro no Brasil no período pós-abolição -, publicado no caderno Ilustrada Ilustríssima na edição do dia 23/01/2022.



Figura 05: Artigo Petrônio Domingues em 23/01/2022.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

“Cortina de fumaça” é uma expressão comumente utilizada para referenciar a estratégia de atrair a atenção das pessoas para assuntos e/ou ações irrelevantes ou falsas, de forma a desviar o foco de discussões realmente importantes. A origem da expressão

remete aos tempos de guerra, quando militares utilizavam a tática de queimar algo para criar, de fato, uma cortina que obstruísse a visão do inimigo.

Diante desse contexto, ao utilizar essa locução, Domingues explicita sua posição crítica em relação ao discurso de Risério, com a intenção de demonstrar que o artigo desvia o foco da atenção do leitor para o debate que realmente importa - a presença do racismo estrutural no Brasil. Além disso, o estabelecimento dessa relação também aponta um teor de falsidade em relação ao texto assinado pelo antropólogo baiano.

Essa afirmação é possível pois, como explica Eni Orlandi (1999, p. 30), as palavras utilizadas em um discurso não são exclusivas deles, elas significam e expõem sentidos estabelecidos pela história e pela própria língua. Ou seja, o que é dito em um outro local e em um outro momento, também carrega significados quando utilizamos em “nossas palavras” - movimento conceituado como interdiscurso.

O resumo do artigo pode apontar uma posição do caderno da Folha de S. Paulo de se distanciar das ideias defendidas por Domingues, ao fazer questão do uso da locução “para o autor”, que não aparece no artigo de Risério. Como ambos textos foram publicados no mesmo espaço, é perceptível a posição do veículo frente ao caso.

[RESUMO] Para o autor, racismo, estrutura social que confere privilégios e desvantagens com base na ideia de raça, não se confunde com atos isolados de preconceito ou discriminação. Em réplica a artigo da semana passada, considera que o antropólogo incorre em equívoco conceitual ao defender a existência de 'racismo preto antibranco' e evidencia incômodo frente aos avanços dos direitos e da cidadania da população negra

Figura 06: Resumo do artigo assinado por Domingues.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Sobre isso, Sodré (2015, p. 277) explica que a grande mídia brasileira foi desenvolvida, assim como em outros países, como um bem patrimonial majoritariamente de famílias, que responde aos mesmos conceitos econômicos, políticos, jurídicos e ideológicos das elites patrimoniais, que, historicamente, são compostas por brancos. Dessa forma, essa mídia representa o intelectual coletivo desses

grupos, sem se comprometer em entender a diversidade da população brasileira e sem dar a devida importância para as causas públicas de outros grupos.

Além desse aspecto, o resumo do artigo de Domingues faz um complemento estruturado ao sentido analisado no título, tendo em vista que sustenta a ideia previamente apresentada de apontar o texto de Risério como um equívoco, algo que não tem coerência com a formação da história do Brasil, em função da posição do que chamou de “incômodo” do autor frente aos avanços da conquista de direitos e da cidadania da população negra brasileira.

O lead do texto segue a mesma direção de sentido e posição ideológica dos trechos destacados do título e resumo. Quando Domingues reforça que o texto que defende a ideia de racismo reverso é assinado por um branco, já é possível, nesse primeiro parágrafo, entender o teor de desqualificação que visa a defender.

O antropólogo baiano branco Antonio Risério publicou um artigo na Folha (“Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo”, 16.jan) que causou polêmica. Em síntese, ele preconiza a tese de que existe um “racismo preto antibranco”.

Figura 07: Lead do artigo assinado por Domingues.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Diante do exposto, é possível apontar que a intenção de Domingues é, justamente, deixar claro ao leitor qual discurso defende. Essa movimentação de sentido acontece porque, ao enunciar, “o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor na medida em que o concebe não como um mero decodificador, mas como um elemento ativo, atribuindo-lhe [...] a imagem de um contra-discurso” (BRANDÃO, 2012, p. 65).

Ademais, o autor utiliza o principal argumento defendido no texto de Risério em uma locução entre aspas - “racismo preto antibranco” - de forma a reforçar sua impossibilidade de existência, haja vista que, na Língua Portuguesa, o emprego de aspas também pode ser utilizado com intenção de denotar ênfase e ironia a uma frase.

O olho do artigo assinado por Domingues foi destacado por um tom avermelhado. Culturalmente, o uso da cor vermelha (e seus diversos tons e subtons) remete a fogo, sangue, violência e combatividade. Dessa forma, é possível apontar que essa escolha também aponta uma posição ideológica da Folha, e não apenas estética.



**Se a ideia
de racismo
reverso não tem
fundamento, serve
para deslegitimar
as demandas por
igualdade racial.
É este, a meu ver,
o cerne do artigo
de Risério, que
embarcou em
uma cruzada
neofreyriana,
de narrativa
anti-identitária,
refratária
aos avanços
democráticos
no campo dos
direitos e da
cidadania da
população negra**

Figura 08: Olho do artigo assinado por Domingues.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Utilizar o tom mais escuro do vermelho para um argumento de Domingues que refuta e critica a posição adotada por Risério em seu artigo evidencia a intenção de denotar agressividade nas palavras escolhidas, em uma tentativa de reforçar o estereótipo historicamente reverberado da imagem do negro como agressivo.

Para além do aspecto da editoração do olho na página, vale destacar que a escolha de Domingues em ressaltar que o cerne do artigo de Risério não tem fundamento, faz conexão direta com a expressão que utilizou para titular o artigo, haja vista que reforça a tese de falta de coerência ao texto assinado pelo antropólogo branco e, assim, invalida os argumentos por ele utilizados ao longo dos parágrafos.

AS ILUSTRAÇÕES

Nos dois artigos em análise, as ilustrações assinadas por PogoLand - nome artístico do ilustrador, que cria obras abstratas e que fogem do realismo⁵ - chamam a atenção do leitor, uma vez que ambas são destaque nas páginas e impactam quem as olha por carregarem significados explícitos, que podem ser percebidos por leigos em Análise de Discurso, e implícitos, que serão analisados nos próximos parágrafos.



Figura 09: Ilustração do artigo de Risério.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.



Figura 10: Ilustração do artigo de Domingues.
Fonte: Reprodução/ Acervo Folha.

Na ilustração do artigo de Antônio Risério, a escolha por posicionar a metade da face negra à esquerda e a metade da face branca à direita destaca uma posição ideológica, que corrobora com os argumentos apresentados no artigo, em associar os movimentos negros exclusivamente à esquerda política. Ademais, a costura das duas faces representa uma forma de equiparação das raças, que reforça a ideia defendida por Risério de que negros e brancos sofrem racismo igualmente.

Nesse contexto, é possível tomar a editoração do caderno Ilustrada Ilustríssima, ao escolher a ilustração que equipara o preto e o branco, como uma tentativa de convencer o leitor que o ser humano é um só, que não existe diferença de tratamento entre as raças e que todos sofrem racismo, que são as principais ideias defendidas por quem assina o texto.

Já na ilustração do artigo de Petrônio Domingues, vê-se um anjo negro, de asas brancas, posicionado como se estivesse em queda. Percebe-se que esta ilustração tem forte cunho religioso, haja vista que tem-se a representação de um anjo em queda, uma

⁵ Informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/pogoland_art/>. Acesso em: 10. Abr. 2023.

alusão ao Anjo Caído, que, nas ideologias católica e protestante, representa aquele que foi expulso do paraíso por cometer diversos pecados. Assim, o sentido do discurso que se pretende transmitir é justamente de que os negros são julgados pela sociedade, como se fossem também “expulsos do paraíso”.

Ademais, o cunho político também é evidente diante do uso de dois conceitos que compõem a famosa frase da Revolução Francesa - “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. O que se propõe, principalmente, com a grafia das palavras no peito do anjo negro é fazer uma alusão ao leitor de que a luta dos negros por direitos (e contra atitudes que a minimiza, como o texto de Risério), evidenciada no artigo pelas palavras de Domingues, é algo que marca a história da humanidade há séculos.

Sobre esse aspecto do discurso apresentado na ilustração, Orlandi (1999, p. 66) explica que a materialidade do sentido se dá a partir da relação com a exterioridade ao qual está inscrito, ou seja, a historicidade e o conjunto de significados que essa história carrega ao longo do tempo. Dessa forma, a movimentação de sentido é percebida a partir do aspecto histórico que a cerca, tão evidente neste caso em análise.

CONCLUSÃO SOBRE A ANÁLISE

Diante do exposto, pode-se aferir que os dois artigos apresentam discursos antagônicos - enquanto Risério defende a existência de uma espécie de racismo preto antibranco, Domingues enfraquece essa argumentação ao explicar, com propriedade, que casos isolados de discriminação não configuram o caráter estrutural do racismo. Para lançar luz a essa afirmação, o recorte textual de cada artigo analisado (título, resumo, lead e olho) foi sintetizado em duas nuvens de palavras:



Figura 11: Nuvem de palavras Risério.
Fonte: Elaboração do autor.



Figura 12: Nuvem de palavras Domingues.
Fonte: Elaboração do autor.

Ao observar a nuvem de palavras gerada a partir do recorte textual do artigo de Risério, é possível perceber o destaque das palavras “racismo negro”, “neorracismo” e “supremacista”. São termos que sustentam a principal argumentação do autor - existência de racismo reverso, que é ignorado pela sociedade, como já citado no capítulo da análise.

Já quando as atenções se voltam para a nuvem gerada a partir do recorte textual do artigo assinado por Domingues, destacam-se as palavras “racismo”, “avancos” e “direitos”. Como o foco do artigo dele foi justamente contrapor as argumentações de Risério, esses termos evidenciam os principais contrapontos levantados por ele - não existe racismo reverso e os que o defendem o fazem com a intenção de minimizar avanços e direitos conquistados pela população negra.

Diante desse cenário, também cabe reforçar, mesmo com as limitações desta pesquisa, que o percurso gerativo de sentido de cada artigo está, assim, estreitamente relacionado às relações de poder que envolvem enunciantes, divulgadores e receptores, como discorre Brandão (2012, p. 28) ao afirmar que nenhum discurso é isento de ideologia.

Assim, é possível inferir que um artigo de opinião pressupõe o reforço do racismo estrutural, mas isso não deve acontecer, especialmente quando publicado em um jornal de expressiva circulação como o Folha de S. Paulo, tendo em vista toda a polêmica gerada, tanto externamente ao veículo, com divulgação nas redes sociais,

quanto internamente, com a publicação de uma carta aberta assinada por mais de 60 jornalistas da Folha em repúdio ao texto de Risério⁶.

A carta, assim como as diversas publicações críticas acerca do artigo de Risério, reforçam o que Djamila Ribeiro (2019, p. 108) tão bem evidencia em sua obra: “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, [...] e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo está presente em inúmeras ocasiões que nos cercam e, na maioria das vezes, de forma alarmante, violenta e cruel. Os casos se multiplicam mundo afora, principalmente no Brasil, ainda que as discussões sobre o assunto, suas consequências e punições ganhem cada vez mais destaque. É um problema grave, que está enraizado na sociedade e, por conseguinte, marca presença nos diversos segmentos de uma nação, inclusive, no Jornalismo.

Dessa forma, quando o jornal Folha de S. Paulo, um dos mais expressivos do país, abre espaço para a publicação de um artigo de opinião que defende o conceito de racismo reverso, de forma a minimizar a luta da comunidade negra, também amplia as tantas vozes preconceituosas do país, que passam a ganhar mais um “reforço” para sustentar os argumentos que corroboram com a visão arcaica de Antônio Risério.

O incômodo com tal contexto foi um dos principais motivadores para esta pesquisa. Como mulher branca, a pesquisadora entende que discutir racismo não é seu lugar de fala, mas também compreende que, em uma redação jornalística, pode se deparar com um artigo como o de Risério e, neste momento, deve ser oposição à sua publicação. Portanto, é crucial que estude o tema a fundo, a partir de autores que são referência no tema. Afinal, como brilhantemente disserta Djamila Ribeiro: ser antirracista é um dever de todos.

REFERÊNCIAS

⁶ Carta assinada pelos jornalistas da Folha de S. Paulo no dia 19/01/2022: <<https://static.poder360.com.br/2022/01/Carta-aberta-de-jornalistas-da-Folha-assinada.pdf>>.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 7ª.ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ASSIS, Francisco de. Fundamentos para compreensão dos gêneros jornalísticos. ALCEU, Rio de Janeiro, v. 11 - n.21 - p. 16 a 33 - jul./dez. 2010.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3ª.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

MARTINS, Miliane. A Inserção do Negro no Jornalismo: uma forma de combater o racismo?. In: **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Curitiba - PR. 2016.**

ORLANDI, Eni P. **Análise De Discurso**. 13ª.ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

PIRES, Vera Lúcia; KNOLL, Graziela Frainer; CABRAL, Éderson. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. **Letras de Hoje**, v. 51, n. 1, p. 119-126, 2016.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista**. 10ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3ª. ed. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.